

LORDE: DO Esvaziamento do “EU” para a Busca de Diferentes Identidades

Aline Jéssica Antunes^{1*}
Catherine Luiza Werlang

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar características pós-modernas no romance *Lorde*, de João Gilberto Noll, sendo sua base de estudo o conceito de pós-modernismo cunhado por Hutcheon (1991), o conceito de não-lugar de Augé (1994) e a definição de sujeito pós-moderno apresentada por Hall (2000). A temática justifica-se pela inquietação que a falta de uma identidade sólida do protagonista causa no leitor, que acompanha sua busca por múltiplas identidades da primeira à última linha da narrativa. Constatou-se que *Lorde* reflete características de uma sociedade de sujeitos pós-modernos na qual as fronteiras tornaram-se fluidas e os indivíduos fragmentados.

Palavras-chave: permeabilidade identitária; pós-modernismo; sujeito pós-moderno; Lorde.

Abstract: This paper aims to analyze postmodern characteristics inserted in the novel *Lorde*, by João Gilberto Noll, taken as references Hutcheon's concept of postmodernism, Augé's concept of nonplace and Hall's definition of a postmodern being. The theme was chosen due to the uneasiness that the protagonist's lack of a solid identity causes on the reader that accompanies his search for multiple identities, since the narrative's beginning to its ends. After the analysis, it can be concluded that *Lorde* reflects the characteristics of postmodern subjects living in a society in which boundaries have become fluid and individuals fragmented.

Keywords: identity permeability; postmodernism, postmodern subject; Lorde.

¹ * Profissionais de Letras - Português/Inglês diplomadas pela Universidade do Vale do Taquari - Univates. O presente artigo foi apresentado à disciplina de Literatura Brasileira Contemporânea na Educação Básica, ministrada pela Prof. Ma. Rosiene Almeida Souza Haetinger, no primeiro semestre de 2015.

1. Introdução

O presente artigo visa discutir sobre a permeabilidade identitária, enquanto característica pós-moderna, no protagonista do romance *Lorde*, de João Gilberto Noll. Sabendo que o livro, lançado em 2002, possui viés pós-moderno, escolheu-se o narrador-personagem como foco de uma análise mais profunda. Afinal, quem é Lorde? Tendo-se como base teorias literárias e antropológicas do pós-modernismo, o que as ações do narrador-personagem permitem pensar sobre a sua, ou melhor, sobre as suas identidades?

A escolha do tema se deu pelas inúmeras indagações e dúvidas que a leitura do livro instigam no leitor. *Lorde*, enquanto narrativa de abstração e romance psicológico, lança uma série de questões a serem debatidas, muitas delas ligadas à pós-modernidade. A falta de uma constituição identitária do protagonista, que ao mesmo tempo em que parece estar esvaziando um certo *eu*, está também à procura de outros *eus*, é um dos fatores mais instigantes para o leitor. Normalmente, os leitores estão acostumados com narrativas nas quais é possível montar uma imagem física e psicológica do personagem, o que não acontece em *Lorde*. Além disso, as questões de identidade estão presentes não só em textos literários ou na ficção, mas também na vida real. Sabendo que o pós-modernismo derrubou certas barreiras entre a arte e a vida, investigar a identidade em *Lorde* é também uma forma de investigar a nossa própria identidade. Afinal, quem somos nós?

Como objetivos, o trabalho propõe uma discussão sobre a permeabilidade identitária no narrador-personagem de *Lorde*, em algumas de suas ações e no título do livro, além de uma análise mais profunda de determinadas passagens da narrativa, tentando explicá-las através de teorias pós-modernas de cunho literário e antropológico.

O artigo apresenta, primeiramente, uma breve explicação acerca do conceito de pós-modernismo usado para a análise do livro, seguido de questionamentos referentes à escolha do título do romance e à ironia utilizada pelo autor ao nomear a obra. Após, seguem análises da cena em que o narrador-personagem chega a Londres para uma viagem originária de um convite misterioso, exemplificando o exato momento em que ele inicia a despedida do *eu* que havia sido até agora, para então tornar-se um novo. Algumas cenas, como as inúmeras viagens de ônibus pela capital inglesa,

a compra de um espelho tailandês, de um pó compacto para o rosto e a mudança de visual também são analisadas, seguindo como suporte teórico a constituição do sujeito pós-moderno. O encontro com o marinheiro George e a parte que encerra a narrativa também serão discutidas neste artigo, já que expressam o modo como o narrador-personagem se valia de características dos demais para formar ou encontrar um *eu* para si.

2. O pós-modernismo na literatura

O período pós-moderno define-se como um tempo contraditório, que sugere uma continuidade do modernismo, já que à palavra *moderno* é acrescido o prefixo *pós*, mas também caracteriza um tempo que pode se diferenciar e muito do período moderno. Nesses jogos de palavras, o que se pode afirmar, com certeza, sobre o pós-modernismo é que ele não possui uma definição pronta e fácil e que as suas características respingarão em diversos segmentos e manifestações artísticas e culturais presentes na sociedade.

Entre essas manifestações está a literatura, que ao ser escrita nesse período, por autores que se enquadram nesse tempo, sofre mudanças profundas e adquire características que pretendem ir ao encontro da própria constituição da sociedade pós-moderna. Sendo a arte não mais indissociável da vida, Hutcheon (1991) afirma que o pós-modernismo preocupar-se-á em apresentar os diversos discursos presentes na sociedade “buscando afirmar não a identidade homogênea, mas sim a diferença” (p. 22). O provisório e o heterogêneo ganham lugar de destaque, sendo as suas obras literárias totalmente diferentes daquelas conhecidas. Os personagens pós-modernos se identificam com as minorias étnicas e sociais, e os narradores “passam a ser perturbadoramente múltiplos e difíceis de localizar ou deliberadamente provisórios e limitados – muitas vezes enfraquecendo sua própria consciência aparente” (HUTCHEON, 1991, p. 29). Os temas das narrativas tratarão de conceitos antes considerados tabus, quebrando paradigmas e transformando o ato de escrever em uma experiência dos limites de gênero, sexuais e de identidade. De acordo com Russel *apud* Hutcheon (1991), isso se deve ao fato de que a “arte pós-moderna afirma de maneira idêntica e, depois, ataca de maneira deliberada, princípios como valor, ordem, sentido, controle e identidade” (p. 31).

3. Lorde enquanto romance pós-moderno: do título à narrativa

Tendo em vista o panorama pós-moderno, pode-se dizer que é nesse contexto em que o narrador-personagem do romance *Lorde* está inserido. A obra de muitas características pós-modernas, escrita por João Gilberto Noll, apresenta diversas marcas psicológicas, sendo uma das principais características a permeabilidade identitária do protagonista. O leitor de *Lorde* se depara com diversas dúvidas no decorrer da leitura, mas talvez a sua falta de identidade sólida, cuja trajetória o leitor acompanha, seja um dos pontos mais presente na narrativa, já que aparece desde o título da obra até a frase final.

A história traz como título uma palavra de origem inglesa – *lord* –, que significa um importante título nobiliárquico muito comum no Reino Unido. Um *lord* é aquele que ostenta poder e riqueza, que faz parte da nobreza britânica, devendo ser respeitado como tal. Dessa forma, o título do livro induz o leitor mais desavisado a pensar que a história tratará de algo que remeta a alguém de importante posição social, tese essa já desbancada nas primeiras páginas e que, ao final da história, indica uma ironia. A palavra *lorde*, na verdade, não tem nada em comum com o protagonista que o leitor vai conhecendo ao longo da história e está, enquanto título, demonstrando a identidade desconhecida desse personagem. As únicas manifestações do personagem no que se refere a um possível pertencimento à nobreza estão no momento da morte do misterioso homem que o chamou à Inglaterra. O narrador-personagem encontra, no lixo, uma espécie de manto e, antes de o inglês se jogar no Tâmesis, ele veste o suicida com esse manto:

Chego perto. Tiro o manto. Ponho-o sobre os ombros dele. Abotoo. O botão dourado é todo trabalhado por um artesão de primeira. Eu digo vai, você é o rei, o soberano, o bispo. Ele sobe para a primeira das pontes, sobe, e vai. (NOLL, 2004, p.85)

Além disso, antes de “fugir” para Liverpool, o personagem menciona a sua vontade de ser tratado como príncipe: “onde me acolherão feito a um príncipe como mereço?” (p. 93); e hospeda-se em um dos hotéis mais caros da cidade, que “chamava-se Britannia

Adelphi Hotel. O Adelphi, soube depois, que o chamavam assim. Soube que hospedou reis e rainhas” (p. 99).

Portanto, pode-se afirmar que além do título estar indicando a falta de uma identidade definida, pois não se sabe quem é Lorde nem por que Lorde, há uma ironia na escolha de um pronome de tratamento nobiliárquico para nomear a obra. O narrador não possui nada que o identifique como um Lorde, além de uma fantasia achada no lixo e o desejo de, após cenas em que ele mendiga e satisfaz, de forma grosseira, as suas necessidades fisiológicas, querer ser tratado como príncipe.

4. A chegada em Londres e os não-lugares

A narrativa inicia quando o escritor – do qual o leitor só sabe que tem alguns livros vendidos e nenhum amigo – sai do Brasil e chega ao aeroporto de Londres, passando das barreiras da alfândega:

Quando saí pela porta da alfândega, suas pesadas malas, sacola penduradas no ombro, nem pensei em olhar para os que esperavam atrás de uma corda dos passageiros que chegavam a seu destino. (p. 9)

As barreiras pelas quais ele passa significam uma espécie de transformação, já explícita na primeira cena da história, na qual o personagem abandona o seu país de origem para adentrar em um novo lugar, em um espaço diferente daquele ao qual ele está acostumado. Segundo a antropologia da supermodernidade², o aeroporto, enquanto constituição física e social, representa um local vazio de significação e de identidade, sendo caracterizada como um não-lugar:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. [...] Os não-lugares, contudo, são a medida da época; medida quantificável e

² Da supermodernidade, segundo Augé (1994, p. 33), “poder-se-ia dizer que é o lado ‘cara’ de uma moeda da qual a pós-modernidade só nos apresenta o lado ‘coroa’ - o positivo e o negativo”. Ou seja, está relacionada ao excesso, ao que acontece em grande escala, seja nos fenômenos sociais, tecnológicos e espaciais.

que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados “meios de transporte” (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações, [...] enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço terrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com outra imagem de si mesmo. (AUGÉ, 1994, pp. 73-74)

Pode-se afirmar que o personagem sofre uma transformação só por “passar” por um não-lugar, vazio de identidade, e que o coloca em contato com outra imagem de si mesmo. As questões referentes à identidade se fazem fortemente presentes nessa cena, já que a partir daí ele demonstrará o desejo de não mais ser quem ele era enquanto estava no Brasil, querendo transformar-se em novos *eus*.

A presença de não-lugares é quase uma constante no decorrer da narrativa: já na capital inglesa, o personagem pega ônibus e trens inúmeras vezes, o “55” é citado em diversas passagens e conduz o personagem pelas partes mais importantes da cidade. Além disso, os trens, bastante comuns na Inglaterra, também são meios de transporte escolhidos por ele para viagens solitárias entre cidades. Na afirmação de Augé (1994), a maioria dos meios de transporte são classificados como não-lugares e, diferentemente dos lugares antropológicos, que criam um social orgânico, “os não-lugares criam tensão-solitária” (p. 87), o que pode ser frequentemente observável na figura do personagem.

Ao fato de se buscar novas identidades, vale acrescentar que o narrador adentra em uma das cidades mais multi-identitárias do mundo. Londres, enquanto capital inglesa, é, na verdade, uma capital cosmopolita, onde se encontram pessoas das mais diferentes nacionalidades e etnias. De inglês mesmo, talvez só alguns pontos turísticos, já que a cultura da cidade não pode mais ser definida como única, mas sim como múltipla. Dessa forma, o narrador que passa das barreiras ao aeroporto para encontrar novos *eus*, o faz em um local sem uma única identidade.

5. Transformação e mudanças do narrador-personagem

Durante essa busca por outras identidades, há o esvaziamento do próprio *eu*, daquele ser que ele era enquanto ainda morava em

Porto Alegre – capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil – e que foi convidado, por uma instituição britânica não mencionada, para passar uma temporada em Londres, na Inglaterra. O escritor de meia idade, cujo nome não é mencionado na obra, é conduzido pelas ruas da cidade até chegar à sua nova casa: um apartamento no bairro de Hackney, tradicionalmente povoado por imigrantes. Após conhecer todos os bairros, o narrador indaga: “Onde eu estive o dia todo? Procurando por um outro, pois preciso constatar que ainda sou o mesmo, que outro não tomou o meu lugar” (p. 24). Nessa parte, ele já tem consciência de que outro pode estar tomando o seu lugar, então compra um espelho e pendura-o na banheira, para que possa sempre se olhar.

Após, ele parece assumir de vez o fato de que gostaria de “ser” outros. Assim, compra um pó-compacto para passar na face e parecer diferente, talvez não tão velho, e pensa: “Tinha vindo para Londres para ser vários - isso que eu precisava entender de vez. Um só não me bastava agora - como aquele que eu era no Brasil” (p. 28). Além disso, o narrador-personagem cita que “[ele] se olha no espelho e vê a figura de um parente distante, alguém com quem podemos conviver, mas logo podemos deixar de lado a nossa procura de uma outra identidade que teima em nos escapar” (p. 29).

Na tentativa de mais uma vez esvaziar seu antigo *eu*, ele resolve pintar os cabelos, de modo que fique parecido com o modelo que aparece no salão de beleza:

[...] embora tivesse me perdido e começasse a desconfiar de que nem o meu patrão inglês poderia enfim fazer alguma coisa para me devolver a mim. Precisava guardar de alguma maneira essa compensação de ser alguma forma todos, porque sem ela não tinha sobrevivência até a esquina: sem pedir a ninguém, tinha me acontecido de ultrapassar aquele indivíduo que eu mecanicamente formara para os outros. Precisava encontrar outra fonte de formação, nos meus cinquenta e poucos anos de idade, e essa fonte viria dali, daquele homem de cabelos castanhos-claro, com a maquiagem recomposta, vivendo em Londres por enquanto sem lembrar com precisão porquê. (NOLL, 2004, p. 32)

Nesse excerto, é possível perceber o quão permeável e múltipla é a identidade desse homem, que precisava guardar essa compensação de

ser, de alguma forma, todos. Esse desejo de ser todos, sem o qual ele não sobreviveria, está relacionado ao fato de o personagem ser um sujeito do pós-modernismo. Ele é um homem que vive nessa época e que, através de uma viagem misteriosa, descobriu que não é apenas um, como pensava ser:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. O sujeito pós-moderno não possui uma identidade, fixa ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2000, p. 12)

Ainda, conforme Hall (2000, p. 12), as transformações do início do período pós-moderno estão:

[...] modificando as paisagens de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento-descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos - constitui uma crise de identidade para o indivíduo.

Como bem infere Hall (2000), valendo-se de uma citação de Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer *apud* HALL, 2000, p. 9).

Todas essas referências ajudam a entender o comportamento do narrador-personagem de *Lorde*. Na capital inglesa, ele descobre não ser mais o sujeito integrado de antigamente e sofre uma espécie de deslocamento, que à primeira leitura pode parecer apenas geográfico - a mudança de um país para o outro -, mas que, após uma análise mais aprofundada, por ser entendida como um deslocamento de si mesmo, ou melhor, daquele *eu* que era antes da viagem.

6. Constituição de *si* no outro

Em *Lorde*, algo que também atrai a atenção é o modo como o narrador-personagem se espelha nos outros para se constituir, cujo sentimento já foi elaborado poeticamente pelo escritor português Mário de Sá-Carneiro: “Eu não sou eu nem sou outro, sou qualquer coisa de intermédio” (BUENO, 1995, p. 82). Assunto este que foi retomado por Machado (2004), quando citou que: “um outro de si, um outro de outro e, no entanto, não há nenhum ‘eu’ e nem nenhum outro, somente um ‘entre’” (MACHADO, 2004). Esse intermédio de personalidades se torna visível, principalmente, em duas passagens do romance de João Gilberto Noll: a primeira quando ele conhece o idoso hindu e a segunda quando ele interage com George.

Quando falamos em um idoso hindu, temos de destacar que este termo deriva do Hinduísmo, que é a principal religião indiana, na qual predomina o respeito pela tradição, pelos escritos sagrados e pela reencarnação. Então, quando o narrador-personagem de *Lorde* encontra o idoso hindu, ele não encontra somente a pessoa, o ser humano. Ele se depara, em meio à sua busca, com a consciência religiosa e os sistemas que representam o que é sagrado em diferentes dimensões. Porém, o choque cultural praticamente inexistente, pois, para o personagem, seus escritos não são mais sagrados sequer para ele mesmo, sua reencarnação, ou melhor, seu renascimento parece não ser breve, além de não haver ligação dele com o seu passado ou com o seu presente, apenas o desejo de sempre perseguir sua busca:

Pela Charing Cross um velho me olhou com afinho. [...] O velho parou à beira da calçada. Virou-se com vagar, me olhou. Era Inglês? Não, era hindu com algum no bolso. Pele escura. O cabelo ainda preto. Corpo pequeno. Boa saúde. [...] Eu era um homem sem compaixão e ele, esse minúsculo, quase inexistente velho hindu, me ensinaria a tê-la. O meu contato diário, carnal com ele, repito, com um ser quase à flor do nada, me restituiria à biologia que tantos ocupam feitos inquilinos em dívida. Alguém me pediu as horas do meu lado no caminho e levei um susto, pensei que fosse o velho hindu e que eu teria mesmo de aceitá-lo. Ainda olhei para trás, imaginei que ele estivesse me seguindo. Eu perdera o velho hindu na multidão. E precisava seguir sozinho - o que já me era um vício. (pp. 90-91)

No entanto, tudo começou a se relacionar quando ele encontrou o marinheiro George, que se tornou um refúgio para o narrador-personagem, tal qual se propõe a âncora, símbolo de todos os marinheiros. Tanto a âncora quanto o marinheiro são símbolos de força e tranquilidade, ou seja, uma alusão ao que é estável, visto que ambos precisam se manter firmes frente aos desafios do mar. Nessa analogia, George representaria para o narrador-personagem a solidificação, uma espécie de porto seguro.

Porém, o grande trunfo do marinheiro que o escritor conhece em um *pub* está naquilo que ele provocará no narrador. À medida que a passagem em que os dois se conhecem e resolvem ir ao hotel avança, percebe-se que, na verdade, nunca existiu nenhum George físico. Depois de uma fantasiosa noite de amor entre os dois, o narrador assim se pronuncia:

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não me surpreender com o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. (p. 109)

George, típico nome inglês – nome de rei inclusive – é o próprio narrador, finalmente descobrindo-se e conhecendo a sua identidade, agora como professor de português da Universidade de Liverpool. É somente na parte final do livro, e depois de tantas indagações e andanças, que o escritor se reconhece pela primeira vez, e, para tal, ele induz o leitor a pensar que passara a noite com outro, outro este que é e representa o seu próprio *eu*.

No parágrafo final, ele vai até o cemitério mais antigo da cidade e no meio de folhas e galhos áridos pela chegada do inverno encontra o seu lugar e resolve deitar. Queria sonhar: “Ver se sonharia o sonho de outro de quem jurava ter ainda sobras do sêmen na mão. Seria a prova irrefutável do que eu aprenderia a aceitar...” (p. 111). É na aridez de um lugar que representa a morte, mas também a transformação, que o narrador “enterra” o seu antigo e esvaziado eu, encerrando sua busca e parecendo aceitar quem ele realmente se tornou. Ainda que

para o leitor isso não fique explícito, a busca por várias identidades – permeáveis e múltiplas – parece encerrar-se ali, no momento em que a narrativa também se encerra e que o narrador adormece, deixando o leitor mais uma vez intrigado e apto a construir o sentido de tudo aquilo.

7. Conclusão

Após a análise da obra, pode-se afirmar que características pós-modernas, em especial a permeabilidade identitária, se fizeram presentes durante toda a narrativa, desde o título – uma ironia com a identidade sólida imaginada pelo nome *Lorde* – até as últimas linhas da narrativa, por não apresentar características homogêneas. A perfeição de personagens completamente compreendidos se desfaz quando encontramos alguém como o narrador-personagem de *Lorde*, que desmistifica o que havia até então e evidencia uma pessoa em meios provisórios, em busca de algo que ele próprio desconhece. O pós-modernismo da obra confere certa dose de multiplicidade e perturbação, visto que a incessante busca por um *eu* faz com que o personagem se perca em sua própria caminhada.

O personagem que, ao adentrar em uma cidade multi-identitária, através de um *não-lugar*, busca constituir seu próprio *eu* valendo-se dos *outros* que o cercam, mas somente encontra-se quando, por fim, estabelece uma relação consigo e finaliza sua busca em um cemitério, local famoso por aliar vida e morte, simbolizando o renascimento deste indivíduo.

A teoria de Hall (2000), que diz respeito ao sujeito pós-moderno, se confirma plenamente no narrador-personagem e em suas ações ou não-ações. A busca por uma identidade única e própria é em vão, não se aplica à narrativa, já que o sujeito pós-moderno é múltiplo e assume diferentes identidades em diferentes momentos. O fato de a história se passar em Londres e as inúmeras referências a diversas nacionalidades – o restaurante vietnamita, o espelho tailandês e a cabeleireira da Malásia – representam a configuração do mundo pós-moderno, em que as fronteiras, e não só as literárias, tornaram-se fluidas.

Por fim, constatou-se que a história é constituída de metáforas, de distinções e de buscas infundáveis, tal qual o “ser humano não-fictício”, que constantemente procura por si, passando por momentos de indeterminação pessoal e profissional. *Lorde*,

enquanto romance psicológico, reflete as características do mundo e do homem que vive nesse tempo conflituoso do pós-modernismo, daquele que adquire múltiplas identidades e vive, por vezes, em busca de um *eu* – que por não existir no singular jamais será alcançado.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BUENO, Alexei. *Mário de Sá-Carneiro*: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar SA, 1995.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que serve uma Subjetividade?:* Foucault, Tempo e Corpo. In: Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 18(3), p. 343-349, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HUTCHEON, Linda; CRUZ, Ricardo. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MACHADO, Leila Domingues. *O desafio ético da escrita*. Revista Psicologia & Sociedade; 16 (1), p. 146-150, Número Especial, 2004.

NOLL, João Gilberto. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.